

## **A IGREJA DO BRASIL RUMO AO NOVO MILÊNIO (\*)**

*Maria Carmelita de Freitas*

### ***Introdução***

Agradeço ao Colegiado do CES, ao Reitor do Centro, P.º Carlos Palácio, ao Diretor da Faculdade de Teologia, P.º Johan Konings, o convite que me foi feito para proferir esta aula inaugural, que marca o início das atividades acadêmicas deste ano de 1997. É para mim uma honra e uma alegria.

O tema que nos vai ocupar agora tem, certamente, notável relevância histórica e eclesial. Quero desenvolvê-lo em três momentos: Breves acenos à conjuntura histórica, como lugar teológico, lugar do discernimento e da busca da manifestação de Deus e dos seus apelos à consciência eclesial (I); alguns ângulos de abordagem do grande evento do Jubileu que nos introduzirá no Terceiro Milênio (II); a "recepção" criativa da Igreja do Brasil à convocação lançada pelo Papa a toda a Igreja para celebrar o Jubileu numa perspectiva evangelizadora (III).

### ***I - A encruzilhada: lugar do discernimento***

Neste ambiente genuinamente inaciano, gostaria de começar minhas reflexões, fazendo memória do insigne evangelizador do século

---

\* Aula inaugural proferida em 03/03/1997, por ocasião do início das atividades do Centro de Estudos Superiores.

XVI, Inácio de Loyola. Narra ele, na sua autobiografia que quando empreendeu caminho, decidido a dedicar-se a Deus, aconteceu-lhe uma coisa que mostra como Nosso Senhor se havia com essa alma que ainda estava cega.

O episódio, assaz conhecido e pitoresco, se desenrola nos caminhos de Espanha, entre Navarrete e Monserrate, quando o "peregrino" se encontra com um desconhecido "moro" e entabula com ele um diálogo singular sobre a figura da Mãe de Deus e suas prerrogativas. Toda a eloquência do "peregrino" não vale para convencer o interlocutor a respeito da virgindade de Maria no parto. E depois que o viajante, tomando a dianteira desaparece numa encruzilhada, o "peregrino", perplexo, se pergunta se não seria seu dever ir ao encalço do "moro" para um exemplar ajuste de contas que desagravasse a honra de Nossa Senhora. Mas não tem certeza: qual será a vontade de Deus, o mais agradável à Sua Divina Majestade, mais condizente com a honra que lhe é devida? Diante dele, a encruzilhada é mais que geográfica. É lugar de discernir, fiando-se da Providência. E na busca da manifestação da vontade de Deus, num gesto surpreendente de humilde escuta, decide deixar a decisão ao trote da sua mula, que o distancia definitivamente do inoportuno companheiro de viagem e dos seus propósitos de "fazer justiça"<sup>1</sup>.

Pode parecer ingenuidade de principiante, do recém convertido Inácio de Loyola. Mas o certo é que o "peregrino", o futuro grande mestre do discernimento espiritual, começa a aprender naquele incidente da encruzilhada, ao parecer banal, que Deus se manifesta ao homem na realidade, que só a partir dos acontecimentos da vida e da história os sinais do Reino podem ser captados e discernidos. Que nas encruzilhadas da história, os "sinais dos tempos" são mais do que uma retórica: são o "lugar" onde o cristão, a cristã aprendem a dizer numa linguagem nova o Verbo eterno do Pai.

No contexto desta aula inaugural, na perspectiva do tema que nos ocupa, eu creio que o episódio do "peregrino" adquire, sob certos aspectos, a conotação de uma metáfora prenhe de lições e particularmente apta a nos introduzir na reflexão.

O mundo passou por mudanças profundas na duas últimas décadas. A humanidade está prestes a transpor o umbral do Terceiro Milênio. Fala-se não só de uma época de mudanças, mas de uma mudança epocal, com tudo o que isto significa de transformações

---

<sup>1</sup> RAMBLA BLANCH, Josep Maria (Introducción, notas y comentario) **El Peregrino. Autobiografía de San Ignacio Loyola**. Mensajero-Sal Terrae, Barcelona, 1983, p. 36-37.

radicais e de perplexidade. Para muitos o epíteto que melhor caracteriza tal momento histórico é pós: pós-guerra fria; pós-modernidade; pós-socialismo histórico; pós-cristianismo; e até mesmo pós-neoliberalismo. A metáfora da encruzilhada é quase um lugar comum. O termo globalização não é apenas um artifício ideológico, ou um recurso de "marketing". Corresponde a fenômenos reais novos, a transformações de grande porte, destacadamente a aceleração dos contatos e trocas internacionais, comandada pela economia e possibilitada pela redução das dimensões temporais e espaciais das relações comerciais e sociais em consequência dos avanços da ciência e da tecnologia<sup>2</sup>. "Pela primeira vez na história humana vivemos em um sistema mundial globalizado: a *oikoumene* do mercado. Pela primeira vez não se vislumbra uma alternativa ampla, mesmo que fosse menos global, a um sistema centrado no poder transnacional do capital"<sup>3</sup>.

Nessa "aldeia global" em que de fato vai se transformando o mundo, o sistema neoliberal impõe-se cada vez mais como a única solução viável para a humanidade. Nessas circunstâncias e do ponto de vista sócio-econômico, o mundo encontra-se sob o domínio de um sistema radicalmente injusto, mas que se pretende natural, evidente e, portanto, impossível de ser impugnado ou questionado. Querer opor-se às suas leis ou à sua lógica seria pouco menos que um ato de demência ou uma atitude quixotesca. A tese de que o socialismo é muito bem intencionado mas não produz riqueza, e só o capitalismo, sobretudo em sua versão atual, é eficaz — a solução sem alternativas — encontra-se largamente difundida e legitimada, não só no primeiro mundo, mas também na maioria dos países pobres e periféricos do Terceiro Mundo.

Entretanto, a grande questão não consiste precisamente em afirmar ou negar que o capitalismo e o neoliberalismo sejam eficazes do ponto de vista da produção e acumulação da riqueza. Sobre essa eficácia não pairam dúvidas. A grande questão é que eficácia não legitima injustiça. Os altíssimos custos sociais que é preciso pagar, a carência total de ética nas relações sociais, a eliminação pretendida ou consentida de vidas humanas em proporções assustadoras põem sob juízo a lógica implacável de tal eficácia.

Nesse contexto, o "fato maior" que vai se impondo à consciência ética e profética da humanidade é o agravamento sem precedentes da pobreza no mundo e a desarticulação social dessas maiorias pobres,

<sup>2</sup> Cf. MITTLEMAN, J. H. The Globalization challenge. Surviving at the Margins. *Third World Quarterly*, n. 15/3, 1994, p. 427-443.

<sup>3</sup> ASSMAN, Hugo. *Crítica à Lógica da Exclusão. Ensaios sobre economia e teologia*. Paulus, São Paulo, 1994, p 84.

excluídas dos benesses do mercado, impedidas de se fazer presentes no cenário sócio-político-econômico, alijadas da esfera do trabalho e da economia formal, relegadas à margem da convivência social e, muitas vezes, submersas na miséria.

Para a consciência cristã, particularmente na América Latina, esse "fato maior" da exclusão social constitui um desafio, sob muitos aspectos, inédito: como posicionar-se diante do "novo rosto globalizado" do mundo atual? Como continuar alentando a esperança dos últimos da terra, quando se constata que as libertações históricas pelas quais se lutou e se morreu nos anos '60-'80 estão cada vez mais distantes no horizonte dos povos e nações? Quando se quer fazer crer que "fora do mercado não há salvação", que "chegamos ao final da História", que coisa significa continuar anunciando o Reino de Deus e a prioridade dos pobres nesse Reino? Ou seja, que coisa significa continuar evangelizando?

Do ponto de vista cultural e religioso, o pluralismo e, não raro a fragmentação, são características que se impõem cada vez mais. As profundas mudanças em curso atingem também, e com acelerada rapidez, a mentalidade e o comportamento das pessoas (particularmente dos jovens), o mundo das idéias e dos valores, o universo simbólico e o imaginário religioso. Tudo isso leva a uma nova visão de mundo e de sociedade, muito mais difundida, mesmo em ambientes não urbanos, do que à primeira vista pudesse parecer. A crise da cultura e da religião no ocidente "cristão" parece não ter precedentes e está posta como desafio inédito para a "nova evangelização".

Não menos radical é a crise que atinge o campo dos valores e da ética. "Alguns dizem que a crise maior está por vir, porque as novas gerações se emanciparam do santuário da vida privada. A ausência de valores que é o fato da vida pública penetra na vida privada. Esta é uma revolução que nunca tinha acontecido até agora"<sup>4</sup>.

Nessas circunstâncias, em que pese o desgaste da expressão, a metáfora da encruzilhada ganha outra vez atualidade e expressividade. E a imagem do "peregrino" aprendendo a discernir os caminhos do homem nas encruzilhadas da história, sob a guia de Deus, torna-se paradigmática. Bebendo da seiva das origens, a recente Assembléia dos Superiores Provinciais da Companhia de Jesus da América Latina assim se pronunciava: "Sentimo-nos chamados a contribuir com a Igreja para que Deus possa se manifestar no coração dos homens e mulheres, nas culturas e no processo de desenvolvimento desses povos (la-

<sup>4</sup>COMBLIN, José. As Aporias da Inculturação (II). **REB**, v. 56, fasc. 224, 1996, p. 907.

tino-americanos). O discernimento espiritual faz-nos perceber os sinais reveladores de Deus quando o ser humano se sente plenamente realizado, e sua negação quando a pessoa é injustamente excluída pelos demais"<sup>5</sup>.

Tudo isto tem levado, "nestes últimos anos, as comunidades cristãs e a reflexão teológica que as acompanha a se abrirem a novos temas ou a retomarem por caminhos inéditos algumas preocupações antigas. Elas provêm do curso dos acontecimentos históricos e se apresentam como verdadeiros sinais dos tempos que é necessário perceber em função do anúncio do Evangelho e cuja chamada ao compromisso deve ser escutada"<sup>6</sup>.

Discernimento espiritual, captação perscrutadora dos "sinais dos tempos", lucidez crítico-profética e audácia evangélica são, portanto, condições incontornáveis para qualquer ação e tomada de posição evangelizadoras nessa virada de milênio, na qual nos toca ser não só espectadores, senão agentes e profetas, eventualmente protagonistas e mártires. Na Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente* (TMA), João Paulo II lembra que não se trata de "induzir a um novo milenarismo, como fez alguém no final do primeiro milênio, mas de suscitar uma particular sensibilidade por tudo quanto o Espírito diz à Igreja e às Igrejas (cf Ap. 2, 7ss)" (cf TMA, 23).

## **II - Ângulos de aproximação do evento**

É preciso ter claro de que evento se trata aqui. Porque, como contagem do tempo, a passagem de milênio não tem a mesma significação para os que têm outros "calendários" (e são muitos milhões de pessoas: judeus, budistas, muçulmanos). E mesmo para os ocidentais (cada vez mais "pós-cristãos") a proximidade do ano 2000 suscita preocupações muito mais seculares do que cristãs.

Na perspectiva cristã em que nos situamos, particularmente na perspectiva da TMA, o evento tem um rosto bem definido: Trata-se de celebrar o grande Jubileu da Encarnação, o ano 2000, que nos introduz no terceiro milênio da "era cristã". Conseqüentemente, dois mil anos de cristianismo histórico. Essa clareza na percepção do que se quer celebrar e de quem vai celebrar, permite compreender não só

<sup>5</sup>Superiores Provinciais da Companhia de Jesus da América Latina. **O Neoliberalismo na América Latina Carta e Documento de Trabalho**. Loyola, São Paulo, 1996, p. 17-18.

<sup>6</sup>GUTIERREZ Gustavo. In: VV.AA. **Santo Domingo. Ensaio Teológico-Pastoral**. Vozes, Petrópolis, 1993, p. 63.

o fato, isto é, a existência das diferentes leituras do evento, senão o seu porquê.

De fato, é um dado de constatação imediata que todo evento histórico relevante fica sempre sujeito a diferentes formas de aproximação e interpretação, à inevitável pressão de interesses e ideologias de signo e conotação diversificados, ou mesmo contraditórios. Não sucede de maneira diferente com esse evento da passagem a um novo milênio da "era cristã", com as comemorações de âmbito internacional e local, previstas para então. São várias as leituras (ângulos de aproximação) que o evento e suas circunstâncias, bem como a posição da Igreja Católica, vêm suscitando intra e extra-eclesialmente. Leituras, não raro, polemizadas e fragmentadas dificultando uma compreensão mais abrangente do evento e do seu verdadeiro significado histórico.

Obviamente, toda leitura corre o risco de ser interessada e parcial no duplo sentido de abarcar apenas aspectos do todo e de fazê-lo desde um determinado ponto de partida<sup>7</sup>. Por detrás de leituras divergentes ou antagônicas de um mesmo evento, costumam estar visões de história e concepções de cristianismo díspares. E isso é verdade também no caso do próximo Jubileu. A modo ilustrativo, cabe destacar alguns desses ângulos de aproximação ou leituras do evento.

### *1 - Uma aproximação triunfalista*

Não está ausente de nossas Igrejas particulares e pervade sobretudo setores do povo de Deus mais acostumados a uma visão tradicionalista da fé e acrítica em relação à Igreja e à sociedade. Privilegia a auto-estima institucional, os aspectos festivos e os gestos grandiloqüentes, capazes de transformar o Jubileu 2000 numa excelente ocasião de "marketing" eclesial. É, portanto, uma leitura eivada de triunfalismo e de resquícios de uma eclesiologia de cristandade, pervadida de um otimismo exacerbado, que veicula a imagem de uma Igreja voltada para si mesma, segura e auto-confiante, independente na sua relação com o mundo, fora e acima das vicissitudes e das angústias dos homens e mulheres contemporâneos.

A grande chave hermenêutica aqui é a centralidade da Igreja Católica, ou o eclesiocentrismo católico. Numa identificação apressada e improcedente entre cristocentrismo e eclesiocentrismo, tal leitura corre o risco de deslocar o eixo fulcral do evento para o nível das

---

<sup>7</sup>LIBÂNIO João Batista. In: VV. AA. **Santo Domingo. Ensaio Teológico-Pastorais**. Vozes. Petrópolis, 1993, p. 122.

mediações históricas contingentes e das expressões periféricas e fragmentárias do fato cristão primordial. Obviamente, mostra-se reducionista, de um reducionismo de viés espiritualizante e pretensamente neutro do ponto de vista político, insuficiente e inapto para dar conta da complexidade e da densidade humano-teológica do momento.

## **2 - Uma aproximação derrotista**

Frustração paralisante com relação ao presente e radical pessimismo frente ao futuro da humanidade e do cristianismo são os traços mais característicos dessa leitura, que banaliza o sentido histórico e o alcance transcendente desse novo marco milenário da era cristã.

Que legado promissor nos deixa o segundo milênio? Que avanços reais empreendeu a humanidade nessa etapa da sua história, sob o signo do cristianismo? Que celebrar numa encruzilhada histórica, cujo expoente principal é a perplexidade? É lícito alimentar utopias, quando os caminhos da libertação e do sentido parecem fechar-se irremediavelmente ou desembocar no "fim da história"? Tem sentido pensar em evangelizar num milênio que começa a se auto-denominar pós-cristão?

Tal leitura não deixa espaço para uma captação mais objetiva das reais possibilidades e limites que compõem o horizonte dessa conjuntura histórica. Nenhuma proposta é considerada viável. As instituições clássicas da sociedade, bem como as Igrejas históricas, afirma-se, perderam seu sentido e sua "chance". As tentativas de fazer os humanos mais felizes fracassaram. Nada pode ser discutido porque tudo carece de sentido último. O novo milênio é uma incógnita; o futuro do cristianismo, problemático; a "nova evangelização", uma proposta voluntarista, sem força de persuasão e carente de realismo histórico.

Não é difícil perceber, embutidos aqui, os tons com que determinadas tendências pós-modernas buscam afirmar o pessimismo radical e a inutilidade de todo compromisso humano-cristão que aponte para utopias históricas ou transcendentais.

## **3 - Uma aproximação a partir dos "excluídos"**

O limiar do novo milênio põe a descoberto as grandes questões cruciais da humanidade, que continuam desafiando a consciência cristã e urgindo respostas efetivas. Nessa perspectiva, o "fato maior" da exclusão social se converte em chave hermenêutica privilegiada, e a tradição bíblica dos jubileus, em paradigma central. Os questionamentos adquirem uma peculiar incidência profética.

Num artigo recente e certamente polêmico, Giulio Girardi protagonizou esse tipo de aproximação: "Este é para os cristãos, o coração do problema que os angustia: por que o cristianismo não mudou a história? Por que não conseguiu quebrar a lei do mais forte, senão que se dobrou diante dela? Por que a mensagem lançada por Jesus se converteu, tantas vezes, na interpretação proposta pelas Igrejas, em uma chamada à submissão e à resignação? É legítimo pensar que o cristianismo não mudou a história porque a história mudou o cristianismo?"<sup>8</sup>.

Tratar de ler nessa ótica o próximo Jubileu não pode nem deve consistir num oportunismo, nem em mera denúncia vazia de estruturas que a própria Igreja, em suas expressões históricas, ajudou a construir ou a sustentar e legitimar. "Focalizar o Jubileu desde o ponto de vista dos excluídos" (comenta Girardi) significa resgatar seu sentido originário, penitencial e libertador, redescobrir sua carga subversiva"<sup>9</sup>. Por tudo isso, a pertinência de tal leitura se verificará na medida em que conseguir provocar a mobilização das Igrejas e das religiões, das instituições da sociedade civil e os indivíduos na linha de uma percepção cada vez mais lúcida das causas geradoras da exclusão, e na busca de saídas e alternativas que abram efetivo espaço a mais solidariedade e justiça, e a menos desigualdade no mundo.

#### *4 - Uma aproximação cristocêntrica*

A grande chave hermenêutica do Jubileu 2000 é, sem dúvida, a encarnação do Verbo. Só à luz deste evento primordial, tem sentido o cristianismo, a experiência cristã, e tem sentido celebrar 2000 anos de cristianismo histórico. Mesmo que a celebração da passagem de milênio não se possa nem se deva pretender monopólio dos cristãos, Jesus de Nazaré não deixa de ser o referencial maior, iniludível, desse conjuntura histórica.

Mas esse "referencial maior" nos remete imediatamente aos pobres, aos excluídos, às minorias oprimidas; a todos aqueles e aquelas que são discriminados pela condição social, pela cor da pele, pelo sexo, pela etnia, pela religião ou crença, ou por quaisquer outros motivos; aos que têm fome e sede de justiça; aos que lutam para construir a paz; aos que acolhem na limpidez de um coração sem dolo a Boa Notícia do Reino.

A partir desse referencial, coloca-se também, de maneira premente, a questão ecumênica. Nessa ótica, o Jubileu é o grande apelo a superar

<sup>8</sup> GIRARDI, Giulio. Jubileo del año 2000: centralidad de la Iglesia o de los oprimidos? *Exodo* 33, mar/abr 1996, p. 9.

<sup>9</sup> Idem. p 10

divisões históricas e a consolidar o diálogo, ampliando sempre mais o espaço de ações conjuntas naqueles campos onde a articulação de forças é não só possível, senão oportuna e necessária. Como observa o teólogo João Batista Libânio, "sem entrar na jogada diluidora da Nova Era, de perder-se a própria identidade numa religião universal, trata-se de os cristãos irem construindo sua unidade no mesmo Cristo"<sup>10</sup>. É mais, trata-se de alargar o horizonte da mútua compreensão e do encontro no diálogo inter-religioso, abrindo-se a uma visão "macroecumênica". Esta parece ser a perspectiva da TMA, quando propõe para o ano 2000 um encontro pan-cristão, aberto também a outras religiões (TMA, 55).

Ler o evento histórico do Jubileu desde este ângulo cristocêntrico de aproximação é de extraordinária importância para o futuro da fé cristã e da evangelização. Requer a humilde confissão de erros antigos e hodiernos, e a decidida vontade de superar toda pretensão de eclesiocentrismo por parte da Igreja Católica. Requer ainda uma cristologia isenta de reducionismos, que ponha em evidência a prática histórica de Jesus, como "paradigma" singular do seguimento e da missão. Tudo isso nos introduz no terceiro ponto — o mais nuclear — desta reflexão.

### ***III - O projeto "Rumo ao Novo Milênio": a proposta evangelizadora da Igreja do Brasil***

Na Carta apostólica TMA, o Papa lembra a necessidade de que o programa de âmbito universal proposto para o Jubileu 2000 seja aplicado nas igrejas particulares de maneira adequada, a fim de se evitar o mimetismo e o artificialismo, e respeitar as condições diversificadas em que vive cada uma dessas Igrejas (cf TMA, 29). As Igrejas particulares são, assim, "provocadas na sua criatividade" para fazer desse Jubileu um tempo forte de evangelização e celebração, encarnando as orientações de caráter geral no seu momento histórico e nas circunstâncias do seu lugar geográfico-cultural.

Cabe, então, perguntar: 1- A resposta evangelizadora da Igreja do Brasil, a essa "provocação", através do projeto "Rumo ao Novo Milênio" (RNM), constitui, de fato, uma "recepção" criativa? 2 - Nessa perspectiva, onde reside o mais original do projeto, sua "chance" histórica como instrumento de evangelização numa Igreja situada em contexto de Terceiro Mundo, atravessado por tensões, crises e desafios

<sup>10</sup> LIBÂNIO, João Batista. O grande Jubileu da Encarnação. *Família Cristã*, n. 733, Suplemento nº 2, p. 8.

inéditos? 3 - Que destaques pastorais relevantes para o atual contexto brasileiro são privilegiados no texto do projeto? 4 - Qual é, em termos de aplicação prática, o "calcanhar-de-aquiles" do projeto, aquelas deficiências e riscos que o tornam mais vulnerável? 5 - Sem cair na pretensão de antecipar-se à história, que se pode esperar honestamente desse "mutirão" evangelizador em termos de futuro? Trataremos, a seguir, de tecer algumas considerações sobre cada uma destas questões

### **1 - "Rumo ao novo Milênio", uma "recepção" criativa?**

A questão é, certamente, polêmica. Mas é fundamental em termos de evangelização inculturada e de fidelidade à identidade histórica de cada Igreja particular. Nem sempre há coincidência na maneira de interpretar o âmbito e as decorrências de uma "receptio", sobretudo em se tratando de um texto de caráter mais prático e pastoral do que doutrinal.

O conceito de "recepção" é antigo na Igreja. Sua prática também. Em último termo significa que todos os fiéis, a inteira comunidade eclesial estão chamados a participar, a desempenhar um papel efetivo na compreensão de uma verdade ou na incorporação de uma decisão prática na vida da Igreja. De acordo com a própria conotação do termo, portanto, a "recepção" deve ser criativa. Nem pode ficar incorpórea, abstraída das condições reais das pessoas, dos grupos e situações humanas em questão. Só na medida em que se trata de responder efetivamente a essas peculiares condições e situações, se é criativo.

No caso do RNM, a questão se põe numa dupla vertente: a da acolhida à TMA e a da recepção do próprio RNM em nível de Regionais e Dioceses no Brasil. O texto do projeto busca situar-se nessa dupla perspectiva quando afirma: "O projeto é concebido para oferecer uma linha comum de trabalho a todas as Dioceses do Brasil. Mas, principalmente, é pensado para suscitar a responsabilidade, a criatividade e a decisão autônoma de cada Diocese ou Igreja particular" (RNM, 171).

Em relação à TMA, pode-se constatar que o projeto da Igreja no Brasil -RNM- configura, sob muitos aspectos, uma "recepção" criativa.

É certo que, numa apreciação objetiva, deve-se reconhecer que ele não está isento de um certo viés "político", isto é, que não escapa totalmente ao jogo de forças e de interesses que marca o cenário eclesial dos últimos anos, e que, nesse complexo cenário, participa, em alguma forma, de uma estratégia mais ampla, tendente a reforçar de-

terminado “modelo” de Igreja-comunhão e a eliminar qualquer suspeita de dissenso no seio dessa comunhão.

Mas é igualmente verdadeiro que a convocação do Papa na TMA foi captada na Igreja do Brasil como uma oportunidade de conferir novo impulso e novo dinamismo à ação evangelizadora no difícil contexto histórico de hoje. Na gênese do projeto confluíram intuições e propostas de diferentes sujeitos eclesiais. Como observa o teólogo Cleto Caliman, “ele nasceu de uma feliz conjunção de um esboço gerado na Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), assumido por D. Serafim F. de Araújo, e de sugestões da Comissão Episcopal de Pastoral (com seus assessores) ... Apresentado à Assembléia Geral da CNBB de 1995, foi posteriormente enriquecido e complementado pelas bases, até chegar à Assembléia Geral de 1996, onde obteve aprovação unânime”<sup>11</sup>. Tudo isso significa uma considerável dose de participação na fase de elaboração do projeto.

Mas a criatividade da recepção, a nosso ver, reside sobretudo no esforço de articular os elementos principais da TMA com os grandes eixos inspiradores e norteadores da Pastoral Orgânica no país, contidas nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil de 1995 (DGAE 95-98). Essa articulação vai permitir que a Igreja do Brasil, mantendo uma fidelidade substancial ao espírito do Grande Jubileu da Encarnação, de âmbito universal, se aproprie desse espírito e o traduza numa proposta adaptada às circunstâncias do país e em sintonia com a tradição recente da Igreja no Brasil de planejar e executar a sua ação evangelizadora e pastoral a partir da realidade e tratando de articular dinâmica e organicamente todas as forças vivas de Igreja, os diferentes carismas, vocações e ministérios. Com isso, o projeto RNM assume a proposta evangelizadora de Roma, mas traz essa proposta para o chão concreto da nossa realidade de país de Terceiro Mundo, confrontado neste final de milênio com situações e desafios peculiares de grande porte.

De fato, uma consideração atenta dos desafios à “nova evangelização” priorizados pelo Projeto RNM deixa bastante evidente que o Projeto faz uma espécie de leitura seletiva da TMA, particularmente dos “novos areópagos” indicados pelo Papa, a partir precisamente da realidade atual do Brasil. Dito de outra maneira, a apropriação que a Igreja do Brasil faz das orientações do Santo Padre centra o projeto RNM num sério confronto com o que de mais peculiar e urgente a conjuntura sócio-eclesial do país apresenta hoje, como desafio à evangelização, na certeza de que só assim estará tentando se colocar à altura do momento histórico.

<sup>11</sup> CALIMAN, Cleto. “Rumo ao Novo Milênio” interpela a Vida Religiosa. *Convergência* 294, Jul/Ago 1996, p 343

De maneira sintética, mas programática, o quadro sinótico do Projeto apresenta uma visão bastante elucidativa do que acabamos de afirmar. Na linha do serviço, por exemplo, são priorizadas situações humanas e sociais que compõem o horizonte da realidade brasileira hoje, tais como os direitos civis, sociais e econômicos de todos os cidadãos e cidadãs, culminando não só no "perdão" da dívida internacional, senão também no resgate da dívida social do Brasil. O desrespeito a esses direitos, em se tratando das capas mais pobres da população, constitui um fato gritante, que clama por uma evangelização capaz de colaborar efetivamente para mudar o rumo da história do nosso povo.

## **2 - A originalidade da proposta brasileira**

Tudo isso vai, sem dúvida, conferir à proposta brasileira um nítido cunho de originalidade. É precisamente a partir dessa perspectiva da "recepção" criativa, que a questão da originalidade pode ser melhor captada e apreendida.

A nosso ver, tal originalidade está em estreita referência a uma das características mais marcantes da Igreja no Brasil. De fato, ao enriquecer a proposta vinda de Roma com sua contribuição específica, a CNBB, confirmou a sua "tradição" de pastoral orgânica, articulando habilmente o fio condutor e o conteúdo do RNM com as DGAE 95-98, inserindo o novo projeto no conjunto do processo de pastoral orgânica, em curso no país há mais de três décadas, e conclamando a toda a comunidade eclesial a um "mutirão" evangelizador de amplo alcance. O texto do projeto o diz explicitamente: "Valemo-nos dos frutos de nossa história cristã e especialmente dos acontecimentos mais recentes: o Concílio Vaticano II, as contribuições das Conferências Episcopais latino-americanas... e *nossa recente caminhada pastoral* (grifo nosso). Foram de especial valia, os esforços de discernimento das novas exigências da evangelização que marcaram no Brasil... as últimas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (1995-1998)" (RNM, 33).

Efetivamente, o planejamento pastoral na Igreja do Brasil já tem a sua história: percorreu um itinerário de mais de três décadas e conta com vários textos sucessivos de Planos e Diretrizes, em nível nacional, regional e diocesano, acumulando uma considerável soma de iniciativas e realizações de inegável alcance renovador. Abriu caminho em meio a expectativas e vicissitudes, acertos e limitações. Contribuiu de maneira efetiva para configurar a nova identidade histórica da Igreja no Brasil num momento de particular criatividade e dinamismo eclesial. Faz parte da aventura de uma Igreja que acreditou na presença do Espírito na sua história e acolheu o desafio de se articular e organi-

zar para renovar a própria autocompreensão e as próprias práticas, não sem ignorar os riscos de uma tal intuição, aliás, genuinamente evangélica. Tudo isso explica porque a Igreja do Brasil apresenta hoje um paradigma de renovação pastoral original e abrangente, que transcende os limites das suas fronteiras geográficas.

Por tudo isso, o planejamento pastoral é hoje no Brasil uma componente eclesiológica significativa do ponto de vista institucional, pastoral e teológico. A experiência desses trinta e cinco anos foi ensinando a assumir o planejamento mais como pedagogia do que como técnica, a enfatizar o processo mais que os planos. As "Diretrizes Gerais" garantiram, nas diferentes etapas, a visão de conjunto, permitindo superar o risco da redução da pastoral a aspectos parciais ou meramente conjunturais, e da fragmentação pastoral (DGAE 95-98, 59).

Evangelização foi sempre a linha-mestra, o fio condutor, o eixo fulcral de todo o processo e, a partir de 1979, a palavra evangelizar encabeçou o Objetivo Geral da Pastoral no Brasil.

Nas Diretrizes Gerais de 1995, esta centralidade da evangelização adquiriu uma relevância especial evidenciada na própria formulação do título das Diretrizes, que privilegia o adjetivo evangelizadora sobre o pastoral. Busca-se com o novo enfoque que a pastoral não seja só nem prioritariamente "um cuidado de 'ovelhas' recolhidas no redil, para se tornar anúncio e testemunho do Evangelho nos diversos ambientes de uma sociedade sempre mais complexa e dinâmica"<sup>12</sup>.

Elaborado precisamente a partir dos grandes eixos e dos novos enfoques da DGAE 95-98, o projeto RNM constitui certamente um novo marco referencial importante na caminhada da Igreja no Brasil. Se é certo que "um documento episcopal é sempre um marco pastoral na medida em que pode reconhecer a legitimidade de posições ou idéias assumidas por muitos mas não oficializadas"<sup>13</sup>, ou na medida em que relança, com novas perspectivas, posições e opções já oficializadas, então não resta dúvida de que isto é verdadeiro no caso do RNM. Aqui, a nosso ver, reside algo de mais próprio e original da resposta brasileira à convocação de Roma: É dentro da sua "tradição" de pensar, planejar e executar a ação evangelizadora "colegialmente", a partir da realidade, potencializando a comunhão, a participação, a co-responsabilidade, o aproveitamento e integração de forças, que a Igreja do Brasil acolhe e trata de dar efetividade às propostas e orien-

<sup>12</sup> ANTONIAZZI, Alberto. Novidade nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 95-98. **Vida Pastoral**, set/out 1995, p. 8.

<sup>13</sup> OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. Rumo ao Novo Milênio. **REB**, v. 56, fasc. 224, dez./1996, p. 931.

tações da Carta Apostólica de Sua Santidade. "Liberar energias para evangelizar" em diálogo com o nosso momento histórico, de maneira orgânica, participativa e co-responsável e suscitar um amplo "mutirão" evangelizador em todo o país é o objetivo primeiro do projeto e traduz o mais típico e substancial do espírito que o anima.

### 3 - Destaques pastorais relevantes

Uma leitura seletiva do projeto, a partir da realidade eclesial e social brasileira de hoje, permite identificar alguns pontos particularmente relevantes que podem considerar-se verdadeiros destaques pastorais. Em primeiro lugar, a **ênfase na participação**. O documento está marcado fortemente pelo chamado dos bispos à participação de todos os católicos na missão evangelizadora, e afirma de maneira categórica que "este projeto cumprirá sua missão se tiver da parte de todos nós, pastores e fiéis, uma recepção criativa nos seus métodos, nas suas expressões e na sua forma celebrativa" (RNM, 179).

Para que essa participação seja efetiva e abra espaço ao protagonismo dos leigos, o texto insiste em que se promovam profundas mudanças no estilo de governar e no exercício da autoridade por parte da hierarquia, visando a encorajar a comunhão, a participação e a co-responsabilidade dos leigos na tomada de decisões pastorais (cf RNM, 88). Nesse mesmo aspecto, é particularmente importante que o projeto insista na questão do voto nos Conselhos Pastorais e da presença ativa dos fiéis em Sínodos e Concílios Particulares (cf RNM, 88). Igualmente importante é a chamada de atenção para a necessidade do "acesso das mulheres às responsabilidades de direção e à participação nas decisões importantes da vida eclesial, e para que tal questão seja "objeto de reflexão teológica e de efetivo progresso na vida eclesial" (RNM, 89).

É indiscutível que a questão da participação e da co-responsabilidade na Igreja, com efetiva abertura para os leigos e leigas constitui um ponto crucial, no qual está em jogo o próprio futuro do cristianismo. Não pode continuar a ser apenas uma questão de retórica.

Outro destaque relevante é o **reconhecimento e a valorização do catolicismo** popular como "humus precioso para a nova evangelização", e o estímulo ao reconhecimento das "sementes do Verbo" presentes nas diferentes expressões de religiosidade (RNM, 45).

É fácil perceber como esses dois destaques apontados privilegiam a eclesiologia do Povo de Deus, e constituem um contributo importante para fazer avançar nessa perspectiva a reflexão e a prática.

Um terceiro destaque vai na linha da **pastoral social**, um dos pontos fortes da pastoral orgânica do Brasil, ao longo dos últimos anos,

dadas as circunstâncias do país. O texto do projeto é bastante incisivo e direto na abordagem de questões candentes e concretas. Insiste na relação entre inculturação, promoção humana e libertação (RNM, 84); institucionaliza, em certo sentido, a celebração do "Grito dos excluídos" (RNM, 129); estabelece que as próximas Campanhas da Fraternidade deverão abordar, sucessivamente a questão dos direitos civis, sociais e econômicos (RNM, 163-165); quer a parceria com organizações da sociedade civil, com instituições públicas e com outras Igrejas cristãs nas questões referentes ao bem comum e aos direitos básicos dos cidadãos (RNM, 131); pleiteia a solução do problema da dívida externa nos países empobrecidos e o resgate da dívida social no Brasil (RNM, 131-132); afirma que a dimensão sócio-transformadora é indissociável da missão evangelizadora e deve ser assumida por toda a comunidade eclesial (RNM, 137).

Um quarto destaque, ainda, pode ser identificado na **abertura ecumênica e no diálogo inter-religioso**. É preciso reconhecer que esta dimensão foi menos trabalhada na Igreja do Brasil, mesmo no pós-concílio e na pastoral orgânica. O próprio documento reconhece que temos pouca experiência no campo do diálogo e que as atividades ainda estão em fase de experimentação. Insiste, porém, na urgência de avançar nessa direção e em que "todos os setores pastorais sejam envolvidos no trabalho ecumênico e no diálogo inter-religioso" (RNM, 143).

O fato de privilegiar determinados aspectos do projeto, atribuindo-lhes o peso de destaques, poderia levar a uma visão fragmentada da proposta evangelizadora do projeto e, sobretudo, da própria evangelização. Para evitar tal desenfoque é preciso ter muito presente que o texto do projeto não só foi elaborado a partir das DGAE 95-98, senão que está concebido como uma espécie de instrumento ou ferramenta para a implementação das próprias Diretrizes nos três anos de preparação imediata ao Jubileu. Ora, o grande eixo articulador de toda a sistemática da ação evangelizadora nas Diretrizes está constituído pela evangelização inculturada, entendida esta como critério básico e alicerce de tudo.

É nessa ótica da evangelização inculturada que se encaixam e articulam, segundo os textos das Diretrizes e do "Rumo ao Novo Milênio", as quatro exigências fundamentais da evangelização (serviço, diálogo, anúncio missionário e testemunho), bem como os destaques pastorais que acabamos de enunciar. Só na medida em que se assume de fato a evangelização inculturada, se pode chegar a ser uma Igreja participativa, enraizada no "*humus*" das expressões populares de religiosidade, preocupada com as condições de vida do povo e a dimensão social da pastoral, aberta ao diálogo ecumênico e inter-religioso. É nessa mesma medida que o serviço, o diálogo, o anúncio e o testemu-

nho poderão, de fato, “abrir as portas ao evento salvífico e libertador de Jesus Cristo e atualizar, na força do Espírito, a pregação de Jesus de Nazaré: *‘Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: fazei penitência e crede no evangelho (Mc 1,15)’*”.

#### 4 - O calcanhar-de-aquiles do documento

O RNM oferece diretrizes e orientações de caráter concreto para nortear e dinamizar o compromisso cristão e a tarefa evangelizadora da comunidade eclesial nesta vigília do Jubileu 2000.

Numa dupla vertente fica mais exposta a sua fragilidade: a vertente metodológica e a vertente da aproximação à realidade.

Na primeira vertente, a intencionada articulação entre as orientações da TMA e as DGAE/95-98 gera uma certa ambivalência metodológica. Efetivamente a análise do texto evidencia que nele se coadunam duas metodologias pastorais: uma de tipo mais dedutivo, dependente da Carta Apostólica, e outra de cunho indutivo que, aproveitando a experiência pastoral do Brasil, parte da realidade e da preocupação em responder a situações concretas em que vive o povo brasileiro<sup>14</sup>. Tal ambivalência pode ter conseqüências indesejáveis de ordem prática nos desdobramentos do projeto. Nessa perspectiva é bom lembrar que o próprio texto do Projeto dá ênfase à metodologia indutiva, quando sugere às Dioceses os passos do VER-JULGAR-AGIR (cf RNM, 174).

Ainda nessa mesma vertente metodológica, o roteiro apresentado no anexo I corre o risco de implantar um padrão normativo geral, em detrimento da criatividade e da adequação nos níveis regional e diocesano<sup>15</sup>. Nesse caso, a “recepção criativa” que o próprio projeto quer suscitar (RNM 179), poderia se tornar mero mimetismo. O risco do verticalismo e da padronização constitui, certamente, uma possibilidade na pastoral orgânica, a ser cuidadosamente considerada e obviada. O próprio texto alerta para esse risco, lembrando que a “recepção” criativa deve impedir de se responder à proposta de âmbito nacional de maneira mecânica, como se se tratasse de um projeto técnico e detalhado que só resta executar (cf RNM, 168).

Na segunda vertente, — aproximação à realidade — o texto carece do vigor e da contundência crítico-profética que constituem marca registrada de outros textos da CNBB, ao longo do processo de planejamento pastoral. É certo que o Projeto tem em conta a realidade

<sup>14</sup> OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. Op. cit., p. 930.

<sup>15</sup> *Ibidem*

concreta do povo brasileiro na atual conjuntura, e insiste em determinados elementos dessa realidade, com seu caráter desafiador para a ação evangelizadora (cf RNM, 70, 84, 85). Entretanto, como observa Pedro Ribeiro de Oliveira, não se encontra no texto qualquer menção explícita ao mercado, regulador das relações humanas e gerador de crescente exclusão na sociedade atual. Abstendo-se de uma crítica mais explícita e enfática ao sistema vigente, o texto corre o risco de induzir ao voluntarismo, como se mudanças estruturais dependessem prioritariamente da mobilização das vontades individuais. Esse mesmo silêncio frente ao totalitarismo do mercado impede que se insista na utopia de sua superação como esperança distante mas não inatingível. Esta fragilidade, ou seja, o "baixo teor profético do texto",<sup>16</sup> (como foi designada), constitui, sem dúvida, uma deficiência a ser superada ao longo da aplicação do projeto.

### *5 - Perspectivas de futuro*

Entre os vetores do projeto que apontam para o futuro da evangelização nessa virada de milênio quero destacar dois que parecem de particular importância.

O primeiro deles, o "paradigma" do "mutirão": um mutirão chamado a ultrapassar as fronteiras da Igreja Católica, do cristianismo para tratar de somar forças com todos aqueles e aquelas (indivíduos, grupos, instituições, religiões) que apostam num futuro mais humano para a inteira humanidade. Um "mutirão" que vise acabar com as discriminações de qualquer signo intra e extra eclesiais; que abra espaço para o leigo, a mulher, as culturas oprimidas ou minoritárias, superando todo tipo de monolitismo. Um "mutirão" capaz efetivamente de transformar arraigadas tradições, estruturas e práticas que impeçam a Boa Notícia de ecoar na "casa" de homens e mulheres do século XXI.

Um "mutirão" cristocêntrico, isto é, que não admita na evangelização outra centralidade que não a de Cristo e do Reino que ele anuncia. Esse "paradigma" do mutirão pervade o texto e está chamado a pervadir toda a missão evangelizadora nos próximos anos.

**A capacidade de estar à escuta, de aprender da história, de converter-se permanentemente, de discernir os novos sinais dos tempos** é o outro vetor que merece ser destacado. Mais que nunca é preciso ter olhos de sentinela perscrutando o horizonte e ouvidos colados à terra para ouvir crescer a grama<sup>17</sup>, e perceber o que o Espírito diz à

<sup>16</sup> Idem, p. 932-933

<sup>17</sup> Cf NEUTZLING, Inácio. Elementos para análise de conjuntura. A grande transformação sócio-econômica do capitalismo no final do século XX. Algumas características. *Convergência*, n. 293, jun./96, p. 328.

Igreja e às Igrejas num tempo de poucas certezas e de extraordinários desafios. O texto o diz expressamente: "a Igreja (e cada um de nós, se quiser evangelizar,) deve renovar-se permanentemente, buscando incessantemente sua conversão (EN 10)... Deve, portanto, não repetir simplesmente as fórmulas do passado, mas buscar na evangelização novo ardor, novos métodos e novas expressões, em diálogo com a própria época, atenta aos sinais dos tempos" (RNM, 25). Mas é, antes de tudo, o espírito do texto que impulsiona a desenvolver tal atitude.

Ao longo dessas considerações, tratamos de ir desentranhando o projeto RNM com suas possibilidades, seus méritos e limitações. Tudo isso pode ficar reduzido a um mero exercício acadêmico se não trouxermos a análise e a crítica para a arena diuturna das nossas práticas de cristãos e cristãs, comprometidos com o Reino, com uma vocação específica na Igreja e uma também específica plataforma de missão. E então as perguntas são muitas e concretas:

— Como Instituição eclesial, centro de estudos e de produção do pensamento filosófico e teológico, que "lugar" estamos chamados a ocupar e que papel assumir nesse mutirão evangelizador da Igreja no Brasil? Como participar, sem protagonizar? Com evangelizar sem monopolizar? Como potencializar a criatividade obviando toda tentação de superioridade eclesiástica ou de eclesiocentrismo?

— Que fazemos comunitária e corporativamente para impedir que a convivência humana se escravize cada vez mais a novas formas de pobreza e de exclusão?

— Tratamos de pensar o mundo a partir dos excluídos, na certeza de que eles são hoje "critério de julgamento da história"?

— Não seria o momento de abrir caminhos para além da "estrita evangelização" e articular aliança com todos aqueles e aquelas que defendem os direitos dos pobres e excluídos, dignificam a vida, lutam por mais justiça, promovem a solidariedade e a paz?

— Como trilhar os caminhos novos do ecumenismo, do diálogo com religiões e culturas no dia-a-dia das nossas prática acadêmicas e pastorais?

— Que contribuição específica nos é pedida para que o Jubileu do ano 2000 possa fazer mais viva e atual a pessoa de Jesus Cristo entre cristãos e não cristãos? Mais transparente e convincente o testemunho de seus seguidores e seguidoras hoje? Mais audível e mais crível a mensagem do Evangelho entre homens e mulheres desse final de milênio?

## ***A modo de conclusão***

Começávamos estas reflexões, evocando o peregrino Inácio de Loyola como aprendiz e mestre na difícil arte de discernir. Queremos concluí-las com um inspirado texto de alguns dos seus seguidores de hoje na América Latina, os provinciais do Continente reunidos no México há poucos meses:

*"Os homens e mulheres sempre estarão ameaçados pela cobiça da riqueza, pela ambição do poder e pela busca insaciável de satisfações sensíveis. Hoje esta ameaça concretiza-se no neoliberalismo. Amanhã encontrará, talvez, outras expressões ideológicas e aparecerão outros ídolos. Temos sido chamados, na Igreja, a contribuir para a libertação de nossos irmãos e irmãs da desordem humana e vamos permanecer aí, nesta tarefa a serviço de todos, colocando-nos ao lado dos nossos amigos, os pobres, porque a partir daí é que o nosso amigo, o Senhor Jesus, começou a sua obra (CG 34, d. 2, n. 9)"<sup>18</sup>.*

Endereço da Autora:  
R. da Bahia, 1432  
30160-011 Belo Horizonte — MG

---

<sup>18</sup> Superiores Provinciais da Companhia de Jesus na América Latina. O Neoliberalismo na América Latina. Carta e Documento de Trabalho. Loyola. São Paulo, 1996, p. 17-18.